

O INÍMIGO

UM JORNAL LIBERTÁRIO

DO REI

ANO V — Nº 14 — Cr\$ 40,00

SALVADOR, RIO, S. PAULO, PORTO ALEGRE, RECIFE, FLORIANÓPOLIS.



CAETANO

ELBA RAMALHO

“METALÚRGICOS”

“Contra o Pelego:
Chapa 2”

MÉDICOS RIO

Greve de Solidariedade
Autonomia na Organização Sindical

“Um discurso com outras palavras”

1.º de maio - Rio Centro. Uma bomba explode enquanto estava sendo ninada. Passa junho... Chega julho... Quem sabe ao final de tão minuciosas investigações a resposta seja tão inusitada quanto, ao que parece, em moda: quem colocara a bomba em local tão impróprio não poderia ser outro senão... Satanás - perigoso comunista, como denuncia sua farda, vermelho-sangue.

De lá prá cá o papa foi baleado e, para alegria dos fiéis - boa parte morrendo de fome - ele está fora de risco. Novamente a história comprova a veracidade da sabedoria popular: Lennon é baleado e morre; Reagan é baleado e vive; por fim o velho João Paulo é baleado e sobrevive... Vaso feio não quebra!

Mas, deixa prá lá!

“Nada desta cica de palavra triste em minha boca”. Para acabar com a tristeza e a dor que somos obrigados a admitir no limiar de nosso cotidiano, só mesmo com a alegria e a criação. Taí a Polônia e seu Sindicato Livre e Autogestionário Solidariedade que serve de exemplo. E a Romênia já vai pelo mesmo caminho. Em todo bloco do “socialismo” autoritário cresce o movimento de resistência popular rechaçando os partidos comunistas, o Estado e o imperialismo russo. Ao contrário do que tenta indicar a imprensa burguesa - sem nunca conseguir - o movimento popular nos países ditos comunistas se coloca não numa perspectiva parlamentar burguesa - de volta ao capitalismo -, mas sim de caminhar decididos e com seus próprios pés para o real socialismo. As reivindicações de Gdansk são a mostra clara disso. Com isso a burocracia treme nas bases: entra um, sai outro... Kania tenta salvar o que pode, mas a inundação inunda o POUP - PC polonês -: os operários exigem o julgamento de dois ex-ministros - que já haviam sido demitidos pelo novo grão-mestre. Jerzy Olszewski e Edward Bartszcz, percebendo que iam dançar sozinhos no pedaço, acabam se suicidando. Para o estado polonês foi ótimo: economia de papel, de processo, carimbo e tempo. Para o povo o mundo amanheceu sem dois burocratas de uma só vez.

No Brasil apesar do marasmo da esquerdália que espera a banda passar; apesar do escalabro que é essa política-partidária-tupiniquim - todos apoiando o Figueiredo na luta contra o terror, do PDS ao PT. - taí a alegria criativa do povo e suas iniciativas de auto-organização. Os movimentos, cada vez mais, a procura de sua auto-determinação e autonomia. Não é atoa que as duas grandes greves de 81 se dão com uma perspectiva de autogestão de lutas. Mas as próprias matérias, tanto a da Fiat como a dos médicos, falam por elas mesmas - escritas por quem nelas vive. Em Sampa o teatro Oficina prepara-se para o rito de passagem, e em agosto vira USYNA, anuncia a fase de syzo do movimento antropofágico com o lançamento nacional do filme “O Rei da Vela”. Prenuncio dos tempos!...

E como disse Lennon: “todos nós brilharemos/ como a lua, as estrelas e o sol”. É moçada, parece que o anarquismo voltou a preocupar tanto aos socialistas autoritários quanto aos capitalistas de cá. Mesmo que os movimentos não assumam o rótulo, a verdade é que a ação direta, o federalismo, a democracia direta - em uma palavra: a **autogestão** - são a prática da atualidade. Nesse momento em que o próprio ascenso do movimento popular é ameaçado pelo fantasma da recessão que atemoriza a todos. Os patrões, com as graças do Estado, jogam com o desemprego para tentar manter os altos índices de lucros. Mas a resposta dos trabalhadores já se fez ouvir tanto na Volks como na Fiat. “Tenha fé no nosso povo que ele resiste/ insiste.”

Enfim, é nessa busca da alegria e criação - o parto constante de outras palavras - que saiu o número 14 do **Inimigo do Rei**. Depois do Rio e Salvador, ele aterrissa em São Paulo para mais uma etapa. Expulso sutilmente, por pressões financeiras, ele vai tentar resistir à inflação-balão Delfim, sem receber nenhum apoio da dupla dinâmica - CIA e KGB. Sem a ânsia guerreira da esquerda autoritária, temos o 14 mais magro, porém pretençioso: ser desde já mensal e cada vez mais bonito. O jornal beleza pura... O fino que satisfaz!

Por isso mesmo, mais do que nunca, ele vai precisar da ajuda de todos os grupos de afinidade e do apoio dos leitores para se manter mensal, o único jornal autogerido do Brasil.

Expediente

Diagramação: Faraó

Arte e Foto: Éton, Jesus Carlos, Igê

Jornalista responsável: Antonio Carlos Pacheco

O Inimigo do Rei é uma publicação da Editora e Livraria “A” - CGC/MF 14.727.871/0001-63. R. 21 de Abril, nº 8, sala 21, Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.

Preço do exemplar avulso: Cr\$ 40,00.

Impresso nas oficinas da
Cia. Editora Joruês.

Rua Gastão da Cunha, 49

Tel. 531-8900. S. Paulo. SP

R. 21 de Abril, nº 8, sala

NO AR, ELBA RAMALHO

Lídio Barros (Bahia)

Fruto da árvore do tropicalismo, ao som de sanfonas e da fala do povo gerou-se Elba Ramalho. Uma das crias dos Beatles e da Bossa Nova. João Gilberto-John Lennon ouvidos no carinho desta sertaneja aliciada pela indústria do disco, em cuja fonte hoje canta e dança para o delírio geral do Brasil. Em conceição do Piancó, no alto sertão da Paraíba por 8 anos ela deglutiu uma arte que vinha do Sul, fazendo arte no interior para saltar pra fora. Agora mostra música de mulher feita, eclode verdades poéticas, de garra e fluidos ultra magnéticos. Basta dizer que foi em meio à sua cantoria que explodiu a bomba no colo do oficial do Doi-Codi a serviço, no lastimável atropelo do 1.º de Maio no Riocentro. Canta, Elba, O "Inimigo do Rei" te escuta.

IR — Onde começou Elba Ramalho?

Teatro e música fazem parte de minha história, desde pequena. Já fui estudante de sociologia, fiz cinco anos de economia, presidi Diretório na escola, pratiquei esportes (handball) Como todo mundo que tem interesse pela arte — música —, tocava violão, bebia pinga em botequim.

Em 1966 em Conceição do Piancó, aos 14 anos eu fazia um Coral Falado com poesias de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Ascenso Ferreira, Fernando Pessoa e poetas regionais. Daí fiz trabalhos coreografados, peças, até um texto teatral. Fui baterista de um conjunto — *As Brasas* — só de moças. Sou da geração beatlemaniaca, da jovem guarda. Nosso repertório ia de Beatles a Renato e Seus Blue Caps. Tudo isso foi muito importante.

Quando surgiu o tropicalismo estávamos com a cabeça aberta. A proposta de vida então era alcançar coisas novas: entender Hitchcock, saber discutir Joyce, etc. Caetano Veloso foi um desbunde. Aquele menino magrinho que apareceu na televisão respondendo perguntas incríveis despertou na gente algo fantástico... Para nós foi o começo de uma época revolucionária. Hoje eu apresento um trabalho novo, estilo novo, mas somado a isso. Realmente montado nos galhos do tropicalismo.

Isso sem contar a influência de Jobim e João Gilberto (as serenatas lá em casa noite afora, os discos tocando um lado e outro; eu era louca por ele). Nem parece, morando no alto sertão da Paraíba. Mas tinha a influência regional, não digo bem influência e sim permanência, vivida. Aquilo existia no dia-a-dia, todo impregnado de Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro, folgedos populares, bumba-meu-boi, rodas de côco, cirandas. A gente já era o povo, e o povo é essa cultura. E a influência da Bossa Nova era mais forte — vinha de fora: Vinícius, Chico...

Durante 8 anos na Paraíba eu fiz trabalho artístico integrado com dança, música e teatro (textos). O Coral se transformou em Fundação Cultural. Eu dirigia um grupo infantil e um cênico: cantava no coral, tocava bateria no conjunto e fazia faculdade. Era uma loucura! Isso na pequena cidade alicerçou minha base, deu-me solidez e impulso.

Assim cheguei no Rio, num trabalho semi-remunerado já a nível profissional com o Quinteto Violado. Parecia brincadeira assim meio de supetão. Tudo acontecia de repente e eu não entendia bem. Fiz no teatro com Luis Mendonça uma peça, desenvolvendo meu lado atriz. Cantava, tocava mais. Conheci pessoas. A imprensa deu a falar de mim. Tudo uma consequência natural até chegar ao disco, bem plantado.

IR — Vindo da Paraíba pro Rio cresceu mais a ligação ao teatro...

Na Paraíba as pessoas me conheciam mais como cantora. Eu sempre



Sua voz reverte feitiços contra o feiticeiro

conseguia participar de um festival de música, cantava no botequim todo dia, fazia shows em teatros e boates. Nas circunstâncias do Rio o que pintou de cara foi o teatro. *Viva o Cordão Encarnado* tinha umas 40 músicas que eu cantava, no coro, com alguns solos. Um trabalho mais musical. Meu canto ia saindo, se desenvolvia, adquiria maior força. Só depois parece tudo isso para dedicar-me só à música introspectiva, no sentido de educar a voz no microfone, preparar um show ao som do violão, ensaiar o som com uma banda. Assim veio o disco *Ave de Prata*.

IR — E como se deu isso?

Convite de Carlos Alberto Sion, na época produtor de Zé Ramalho. Ele morava no mesmo prédio que eu. Propôs gravar um LP na CBS. Assinamos contrato e o disco aconteceu. Eu já estava na *Ópera do Malandro*, sendo falada demais no Rio. E muito bem, né? Gravar com Chico *O Meu Amor* abriu portas, foi para mim a boa estrela guia. Como eu sabia que tinha pique pra ir adiante com o trabalho, o *Ave de Prata* deu motivação pra levar um show pelo Brasil inteiro, na conquista de público. Conquistei.

IR — Que representa esse 1.º disco para você?

Um registro definitivo. Respeito muito isso; bem ou mal tecnicamente, o trabalho saiu. Uma proposta de força consciente, feita com todo o gás. Eu senti assim como isso passou para as pessoas.

Mas acho um disco de defeitos. Atribuo à falta de produção, que eu não tive quase. E à inexperiência em estúdio. Mesmo assim lá dentro eu cantei como se cantasse para milhões de pessoas.

IR — Como você vê essa relação de músicos e compositores que realmente lutam buscando retratar e levar até o grande público músicas de raízes?

Nas raízes está a grande salvação do momento, em qualquer país e qualquer cultura. Mas isso eu não digo pra salvar

o Brasil. Quem sou eu? Ajo assim consciente de ser a favor do povo brasileiro e de sua música. Falo a língua do povo — a língua "errada" do povo —, que é a língua certa do povo. Afirmo que no mercado há espaço para tudo, principalmente para o que é nosso. Falo assim porque consigo distinguir a música brasileira da estrangeira. Só a própria cultura salva qualquer país. Basta buscar cada vez mais as nossas coisas, falar o nosso português com sotaque baiano, paraibano, etc.

Como disse Caetano: "A música brasileira é a única fresta por onde passa alguma coisa. Seja da força que vem do baixo Brasil, seja do resto do mundo ou do planeta".

IR — O que significa a música para você?

(fica elétrica) Ah!... Eu acho a música a essência da vida. Sem ela a gente seria um tédio. É a energia pura que está dentro de nós. É o sangue mexendo na veia, o coração batendo. É a natureza presente, os rios correndo. Sinto assim.

IR — Com o sucesso, houve grandes modificações na sua vida?

Como pessoa me enriqueci, como gente e ser humano. Consigo discernir melhor as coisas e ficar cada vez mais em paz, cada vez mais sábia, o que contribui para eu viver uma vida saudável, e procurar a calma que todo mundo pede. Essa calma é uma coisa que me leva à quietude. A quietude me leva à ação, da ação à realização. A energia é a mesma. Agora os ímpetus estão mais aprimorados e conscientes.

IR — Sua marca de repertório é que sempre revela em cada disco compositores novos. Como gravadora e produtor reagem a isso?

Não se opõem, não. Quando fazemos um disco os produtores vêm nos falar como se soubessem mais do que a gente. Meu eu sou muito prepotente no sentido de não me deixar violentar. Por isso defino tudo no meu trabalho. Essa meta de buscar novos compositores é minha porque acho que o espaço existe e tem muita gente de talento para abrir, cada vez mais, aumentar as oportunidades. Um dos novos, incrível é Bráulio Tavares, autor de "Caldeirão dos Mitos".

IR — Você tem uma energia muito forte, consegue prender a atenção e quem lhe vê no palco fica encantado. Como você sente isso tudo?

Sou uma pessoa meio africana, que gosta de dançar. Isso marca no palco: o canto e a dança. Um lance meio pessoal da minha forma de ser, de vestir. Alguma coisa do meio da rua no carnaval. Tipo pastorinha, saca? A música surgiu nas grandes festas populares. O povo do Nordeste sabe disso, ainda mais na Bahia, onde o povo se pinta e dança igual ao meu trabalho no palco. Não é um recital parado de morgação, mas vivo. Porque a música sou eu e eu sou a música. Sou muito ritmada, com muita energia, no que digo, no que penso e naquilo que apresento.

SQS-Mulher: Enfim as mulheres podem contar consigo mesmas

Marina



A sociedade de modo geral tem procurado formas alternativas para a solução de seus problemas e as mulheres como parte desse conjunto também têm se organizado. Uma resultante deste processo foi a criação do SQS-Mulher.

Muita gente ainda pensa que o SQS-Mulher é apenas uma entidade assistencialista, um local para onde correm as mulheres espancadas e/ou estripadas e/ou discriminadas no trabalho e que aí chegando encontram um grupo de mulheres emancipadas que lhes dão o ombro para chorar e bons conselhos para superar as suas opressões.

Ledo engano. São raríssimos os casos de atendimento individual no SQS. Na maioria das vezes as mulheres discutem entre si os problemas que as levaram ao SQS.

Para as que desejam atuar junto ao SOS como plantonistas existem, provisoriamente, dois grupos de reflexão que funcionam as quartas-feiras (tarde e noite). Nesses grupos são discutidos o que as mulheres pretendem dentro do SQS, o que é ser feminista, o desejo de poder que carregamos dentro de nós, etc.

Além desses dois grupos existem também as comissões de trabalho que executam as tarefas indispensáveis para o bom andamento da entidade, e também discutem as diferentes violências que sofremos no nosso dia-a-dia.

Como podem ver o SQS é uma entidade que está muito mais voltada para a nossa consciente emancipação do que para uma mero maternalismo.

Meditando sobre nossos grilos sexuais e sociais num clima alegre e descontraído a nossa convivência no SQS está conseguindo minimizar uma boa parte dos nossos preconceitos.

Formam o SQS os mais variados tipos de mulheres: estudantes, donas-de-casa, trabalhadoras nas mais variadas funções, casadas, solteiras, desquitadas, lésbicas, heterossexuais, intelectuais ou não. Sem qualquer hierarquia, decidindo e discutindo coletivamente sobre os problemas que nos atingem estamos aprendendo a superar nossas rivalidades, a procurar nossa individualidade, a nos encontrar, enfim, estamos tentando criar a nossa solidariedade.

Dentro desses complexo e harmonioso universo estamos também verificando que independente da classe social a que pertencemos, sofremos a violência machista que com seus diferentes matizes nos oprime, nos reprime, e nos impede de criar e atuar como seres completos. Sabemos que o caminho para a nossa emancipação é árduo e desconhecido, mas, depois de sete meses de existência do SQS, já podemos vislumbrar uma maneira mais agradável de superar nossos preconceitos e angústias.

Estamos conscientes de que a nossa emancipação só se dará depois de muita discussão e reflexão sobre os nossos problemas. A violência só deixará de existir quando as violentadas não mais se calarem pois, "o silêncio é cúmplice de violência".

O novo endereço do S.Q.S. é praça Benedito Calixto, 56.

Homossexuais denunciam má-fé cinematográfica

Nós, homossexuais organizados de São Paulo, não poderíamos deixar de vir a público protestar contra o filme "Parceiros da Noite" (Cruising), de William Friedklin, que assim como tantas outras produções de temática ou personagens homossexuais, nacionais ou estrangeiros, vem mais uma vez transmitir uma visão mentirosa e preconceituosa da homossexualidade. Associando uma simples preferência sexual à doença mental contagiosa de alta periculosidade, o filme omite do público as múltiplas possibilidades de compensação emocional/afetiva que existem em qualquer espécie de relacionamento sexual.

Muito atentos a tais distorções que só vêm acentuar a discriminação em nossa sociedade, solici-

tamos a todos, homossexuais ou não, que nos auxiliem divulgando nosso protesto entre seus amigos.

São Paulo, 30 de maio de 1981
Grupo OUTRA COISA — Ação Homossexualista
Caixa Postal, 8.906 São Paulo, S.P.

Com o apoio dos grupos: Ação Lésbica Feminista, Alegria, Alegria, Libertos (Guarulhos), Somos-SP.

OBS: Cópias desta carta foram distribuídas nas duas principais sessões dos cinemas onde o filme estava em cartaz, dia 30 de maio, nos principais locais gays da cidade e para a imprensa (Sessão de Cartas). **SOLICITAMOS AOS DEMAIS GRUPOS QUE FAÇAM O MESMO EM SEUS ESTADOS.**

CURTAS E DENTRO

Zeze Melgar

AUTONOMISTAS

O M.H.A. (Movimento Homossexual Autônomo) após 6 meses de atividades lançou em novembro passado o seu 1º Caderno de Textos.

Esse caderno (cujo ensaio de abertura reproduzimos) foi trancado e produzido num estilo "caseiro" e personalíssimo, mostrando que as "gatas" dão tudo de si quando querem.

Os escritos foram concebidos segundo a vontade de cada um de seus integrantes; cada um escreveu o que quis, desde textos de cunho político e teses antropológicas, passando pelo depoimento e até poesias. Tem-se uma mostra razoável dos nuances do M.H.A.

E para repetir a dose, as "autonomistas" já pensam em breve compor seu 2º Caderno de Textos. Aguardem.

SEXUALIDADE

O grupo Outra Coisa/SP recebeu, vindo do rio de Janeiro, o número zero do jornal "Auê, Jornal de Sexualidade".

Composto e produzido por pessoas ligadas ao tema, ele traz em seu conselho editorial figuras conhecidas dos Movimentos Feministas, Negro e Homossexual carioca, entre elas: João Antonio Mascarenhas, Leila Miccolis, Leila Gonsales, Marcelo Liberali, etc.

O jornal de formato tablóide, contendo 16 páginas muito bem transadas, é escrito numa linha gostosa e descontraída.

Seus editores prometem logo logo trazerem essa pérola pra cá num badaladíssimo lançamento. Aguardem.

APOSTILA DO AMOR

O insólito/charmoso grupo

Coletivo Alegria-Alegria. Lançou recentemente sua "Apostila do Amor" (escritos anarco-eróticos-subversivos).

De cabo a rabo artesanalmente concebido seus escritos poéticos nos trazem novamente a importância do caráter específico dentro do Movimento Homossexual. É uma delícia.

GUIA GAY

O grupo Outra Coisa/SP está na reta final para lançar o seu "Bandeirante Destemido". Trata-se do primeiro e único no gênero guia gay de São Paulo. Dentro dele temos indicações de bares, saunas, boites, hotéis, passeios, mictórios, etc., além de um encarte com orientações médicas e jurídicas pra ajudar as "bonecas" saírem dos apertos. Essa obra-prima pode já ser solicitada ao grupo, escrevam.

AUTONOMIA: uma questão de liberdade

A partir do I Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados — 1.º EBHO — tiveram início inúmeras e intensas discussões sobre os possíveis caminhos que o movimento homossexual poderia seguir, e quais as posições a tomar. Esses questionamentos intensificaram-se, aguçando contradições e provocando um posicionamento de todos os que lutam por uma sexualidade libertária, fora dos esquemas de poder, tão corriqueiros em nossa época.

Desse posicionamento, em 8/6/80, surgiu o Movimento Homossexual Autônomo — M.H.A.. Com ele, a questão: o que é autonomia?

Inicialmente, a autonomia foi vinculada de uma maneira simplista, com a não subordinação do movimento homossexual a partidos políticos. Autonomia é isso, mas também é mais que isso. É mais abrangente, complexo. É libertário. Para que possamos ter uma visão mais aprofundada, faz-se necessário que repensemos a sexualidade do ser humano.

É óbvio para todos que a sexualidade pode ter como consequência a procriação e sobrevivência da espécie humana. Mas intimamente todos sabemos que o impulso sexual tem como fim imediato o prazer, um prazer que tende a ser compartilhado com outras pessoas.

Porém, a sexualidade humana não se expressa espontaneamente, e nem sempre nos conduz ao prazer. Com frequência, é também fonte de frustrações, angústias e sofrimentos. Ela está quase sempre reprimida (por nós e pelos outros), controlada, deformada e manipulada pelo poder social ou pelos vários poderes que atuam, sutil ou grosseiramente, sobre o indivíduo. Essa repressão sexual se dá nas sociedades de cultura judaico-cristã ocidental, principalmente a partir do século XVII, com a ascensão da burguesia como classe dominante. A partir daí, a sexualidade é encerrada nos quartos com a única finalidade de procriação. Aqueles que não ficam nesse padrão, são obrigados a viver nas sombras, como se fossem pecaminoso, aberrante ou anormal.

Assim estabeleceu-se aprioristicamente, que a livre sexualidade é inumana, anti-natural, para que se pudesse justificar todo o controle repressivo sobre ela. E não é de se estranhar que uma sociedade que historicamente foi, e ainda é opressora das necessidades e aspirações individuais da maioria de seus

Um caderno teórico sobre a questão homossexual



membros, precisa da repressão sexual para sobreviver.

Na medida em que a família é o núcleo primordial onde se inculca a ideologia nas mentes infantis, onde a propriedade privada se substancia através da herança, sendo portanto a base da estrutura social, qualquer postura que possa ameaçá-la, será radicalmente combatida.

Temos então que a postura homossexual, ao aspirar consciente e solidariamente a liberdade sexual, entre em choque com a estrutura familiar numa primeira instância, e com a sociedade e seus produtos ideológicos (preconceitos, estereótipos, padrões, etc...) numa segunda instância. Essa postura coloca-se atuante para uma transformação libertadora dos padrões e comportamentos sexuais estabelecidos, de quebra de preconceitos, proporcionando ao ser humano uma possibilidade de consecução de uma felicidade individual.

Isso é algo diretamente condenável pelas direitas e esquerdas desta pátria amada, salve, salve. E por quê, perguntar-se-ia. Simples! Para a direita, não passamos de indivíduos doentes, anormais, perversos, mórbidos, quando não agentes do comunismo internacional, tentando solapar as bases das famílias tupiniquins. Para a esquerda ortodoxa, não passamos de produtos da decadência burguesa, que afrontam a moral operária. No entanto, parece não haver consenso para esta posição, visto a presença assídua de robustos representantes da classe trabalhadora na sauna Castelinho-SP.

Para a esquerda "avançada", somos normais, porém burgueses individualistas (como usam rótulos, não?) que se esquecem das grandes causas sociais, que mudarão a estrutura social, acabando com toda a opressão existente. Não se lembram de que somos todos produtos dessa sociedade

opressora, com a relação dominador-dominado profundamente internalizada em nós, e portanto tendemos a reproduzi-la em toda a nossa prática do cotidiano.

Logo, o objeto de crítica e transformação, deverá necessariamente ser a realação dominador-dominado, a estrutura de poder por ela representada, quer se chame ditadura da burguesia, ditadura do proletariado, partidos, empresas; relação marido-esposa, empregado-padrão; enfim todas as formas de opressão. É esta a verdadeira transformação.

É muito cômodo para as pessoas se refugiarem na segurança das "grandes causas sociais", dos "grandes projetos", porque assim escapam da necessidade de modificarem seu cotidiano, os detalhes do dia-a-dia, o relacionamento afetivo, a sua especificidade. Ao defender as "grandes causas", não precisam se lembrar que dominam e submetem seus casos, de que aceitam afrontas e preconceitos no trabalho, de que tentam subjugar e destruir os que lhes são contrários em idéias. Afinal, para que se preocupar com essas trivialidades, se amanhã, mudando a estrutura social, a totalidade dos problemas deixará de existir?

A questão é que esse amanhã nunca chega... Argumenta-se que o amanhã não se faz em 10, 20 ou 50 anos. E assim essas pessoas permanecem sob uma nova religião, onde o dogma do paraíso (o amanhã) virá no futuro que nunca se faz presente.

Por isso é que enfatizamos que a luta homossexual deve pautar-se contra a opressão do homossexual, dentro da sua especificidade. Isso não significa que fechamos os olhos para as injustiças sociais. Elas estão aí para quem as queira ver. Significa tão-somente o respeito pela posição alheia. Não seremos nós que iremos dar aulas aos operários do ABCD, de como se fazer greves, ou quais os caminhos que o movimento operário deve tomar. Eles sabem melhor que ninguém o que fazer. Afinal, eles, e somente eles, sentem a opressão do patrão na pele.

Comenta-se também que a opressão do homossexual é parte de uma opressão maior. Acreditamos ser muito difícil mensurar comprimentos ou pesos de opressão, por mais que se queira fazer concursos do tipo "o mais oprimido". Oprimidas, a maioria das pessoas são. Cada um — homossexual, mulher, operário, negro, índio, etc... — tem sua opressão-repressão específica, e cada um deles, e só eles,

poderão, através de suas próprias análises, estabelecer a luta contra a discriminação e a defesa de sua felicidade. É do específico de cada um, na soma de todas as lutas, que se pode encaminhar uma grande mudança social. Isso não significa a perda de um contexto político-ideológico mais amplo, mais sim viabiliza essa perspectiva, no contato mais profundo de cada um com sua especificidade.

E a especificidade homossexual é a luta contra o preconceito e a discriminação, pelo prazer e felicidade individuais.

Os grupos homossexuais autônomos são acusados de ficarem à margem da política, e portanto alienados.

Nossa proposição é uma nova política. Há um esquecimento, por parte de quem acusa, de que toda ação é política. Quando um pai decide qual o comportamento mais adequado aos filhos, quando um marido decide qual a roupa que sua esposa deveria vestir, quando um professor diz aos alunos quais os assuntos que eles devem aprender e como, isto são atos políticos. E portanto atos de poder, onde alguém decide por alguém. A posição máxima da autonomia é a necessidade de localizar o poder, caracterizá-lo, para que desse modo possamos dividi-lo individualmente, e a partir daí, dessa instância individual, negá-lo como forma de opressão.

Daí nossa postura contra qualquer tipo de estrutura de poder que oprima, homossexuais em particular, e seres humanos em geral, quer essas estruturas sejam chamadas de partidos políticos, instituições, comissão, diretoria ou outras formas de máscaras que a opressão costuma utilizar.

Atingimos assim, a amplitude do que é autonomia homossexual: ênfase à ação individual e de grupos, quando em consenso; respeito às diferenças e diversidades de outras pessoas; trabalhos centrados sobre homossexuais como meta prioritária, e luta contra todas as formas de poder.

Caberia aqui uma última pergunta: o M.H.A. não é uma estrutura de poder? Não é, pois não decide por ninguém; não é um grupo ou comissão; não dita normas ou padrões. Ele é o consenso atual de três grupos de São Paulo: EROS, LIBERTOS e OUTRA COISA, sobre um ponto comum: AUTONOMIA. Que é o caminho contra a opressão, pela liberdade!

(Luiz Antonio Rahal)

No rio os médicos e os peões da Fiat, em S. Paulo, os metalúrgicos da Chapa 2. Três brilhantes exemplos de Autogestão das lutas e do espírito libertário, apesar da cara feia dos paleontólogos do Socialismo.

Fiat-Rio: O Maio dos Peões

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1981: a Fiat Diesel em Xerém a 3 Km da Rodovia Washington Luis, no sopé da subida de Petrópolis demite de uma só vez 185 peões. Três desses pertencem à delegação sindical e um gozava de estabilidade, por acordo conquistado em greves anteriores.

Em 30 de abril a peãozada responde com a greve, contra as demissões e pela estabilidade no emprego.

Mas essa não é uma história que começa no dia 29 ou 30, e nem encontrará seu fim num acordo tirado numa mesa de negociações ou com a volta ao trabalho. Cada fábrica tem sua história de resistência e de luta dentro da história comum da luta contra a exploração e a opressão.

Dos tempos da FNM aos da atual Fiat Diesel o contingente de peões decresce de mais de 4.000, sem quebra da quantidade de produção, exceto a transferência para Betim da linha de produção do Alfa-Romeo.

De 1978 para cá, todos os acordos salariais foram feitos com as máquinas paradas, com a presença de representantes dos peões e da diretoria do sindicato na mesa de negociações. Com uma data-base específica, diferente da do conjunto da categoria. Os resultados destas negociações servirão de referência para a campanha salarial do conjunto dos metalúrgicos do Rio.

Em 1980 a peãozada da Fiat apoia a chapa 1 para as eleições sindicais, chamada "a chapa dos peões", com um progra-

ma de Democracia Direta e a Autonomia Operária.

De modo que esse longo maio da peãozada da Fiat é apenas mais uma das ondas fortes nesse mar de lutas travadas no dia-a-dia da produção.

Mas essa onda carregava em sua crista um enorme sapo, indigerível para os patrões e indigesto para a maior parte das correntes de esquerda: a prática da democracia direta e da autonomia operária. Os peões tomando suas decisões e assumindo a direção do movimento, desde os comandos setoriais, comissão interna dos empregados, comando de greve até o comitê dos demitidos. Passando por cima da delegação sindical ativaram um movimento grevista de luta pelo sagrado direito ao trabalho.

Os patrões — não apenas da Fiat, mas da FIRJAN, da FIESP, da ANFAVEA, e da IVECO — colocam como questão de honra a não aceitação das reivindicações. Temiam que fossem abertos precedentes insuportáveis de ingerência dos empregados na livre decisão da empresa. Principalmente em relação ao sagrado direito dos patrões de jogar na rua da amargura o pai de família que quizer, na hora que bem entender — o que ele não faz nem com a última de suas máquinas. O apoio da FIESP, FIRJAN, etc. aos senhores empresários da Fiat, dividindo com estes os prejuízos, da greve, foi imediato.

Por outro lado a esquerdona — que só faz Grande Política — não se sentiu dis-

posta a engolir uma greve decidida pelos peões. Para eles a "discussão nacional" estava na estruturação partidária, processo eleitoral, apoio ao sr. presidente pelos ataques terroristas e, afinal, no CONCLAT. É essa luta operária que atrapalha "esse processo político". Mais ainda: "é uma greve que ao invés de colocar sua representação na instituição representativa "por si mesma" — o sindicato —, cria uma comissão ampla de representantes "sem o suficiente preparo político e a clareza teórica para assumir tais tarefas". Ou então: "ao invés de um delegado nacional que sirva de relação entre os operários e o sindicato, são usados elementos "selvagens", desorganizados, que agem como que por um "sindicalismo paralelo" e que se recusam até mesmo a passar o comando de greve a uma instituição maior e mais "tática" - Unidade Sindical. É assim que eles pensam:

"Estamos até vindo de antemão as avaliações dessa greve concluindo pela derrota do movimento por causa do aventurismo das lideranças, por ter sido deflagrada em momento inoportuno".

O instinto de classe de senhores burgueses se demonstra dialécticamente contraditório aos interesses das classes operária, junto ao qual não se alinham nem os senhores políticos de esquerda, nem os senhores sindicalistas pelegos — seja os assim reconhecidos ou os disfarçados.

Assim foi que, se o "apoio-mútu" e "solidariedade" dos senhores burgueses se

Coletivo Libertário Metalúrgico (RJ)

manifestou de pronto, o das instituições ditas progressistas, da — assim chamada — sociedade civil, ou só se manifestou após a 2ª semana da greve, para não ficar feio, ou ainda está por se esperar... Apoio de "boca" houve muito, mas de fato houve sim do povo simples Baixada Fluminense e de pessoas isoladas de dentro ou de fora de instituições, mas desinteressadas em tomar nas mãos as rédeas do movimento grevista, porque acreditam que só há um caminho a seguir: o da iniciativa e decisão da classe trabalhadora.

O maio na Fiat foi dos peões. O comitê geral foi comandado pelos grupos de ação e as decisões tiradas em assembleias, sem burocracias e com a prática da democracia direta. Passaram por cima até mesmo de seu comando de greve que em um só dia viu por duas vezes suas propostas derrotadas.

Alguns nomes sempre surgem, como o instrumento e o sinal do qual a peãozada se utiliza. Muitos outros virão. Mas a luta permanece sempre, contra os patrões e contra aqueles que pretendem — como patrões políticos — se apoderar de sua direção.

Erros são cometidos nesse processo. Mas não servirão apenas como objeto de uma auto-crítica verbal oportunista ou para preencher uma bagagem de experiências de arquivo. Deverão ser concretamente analisados e incorporados praticamente no processo da luta coletiva.



Crédito: Jesus Carlos

“Metalúrgicos”

“A Batalha de S. Paulo”

(Coletivo Guernica)

A eleição do Sindicato dos Metalúrgicos é uma batalha decisiva na guerra entre o sindicato livre e o sindicato atrelado.

No campo de batalha estão dois gigantes que se enfrentam há muito tempo, quinze anos.

Desde 1965 as forças não pelegas dos metalúrgicos se reagruparam na Oposição Sindical. Desde 65 também, o exército dos pelegos da ditadura militar estão reunidos e concentrados no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Com o golpe de 1964 houve intervenção em milhares de sindicato do Brasil; em São Paulo, todas as diretorias combativas da capital e cidades próximas (São Paulo, Osasco, Guarulhos, São Caetano, São Bernardo) foram cassadas e os seus militantes ativos, perseguidos. No seu lugar foram colocados os capachos dos patrões e dos militares.

Nas eleições de 65, nos metalúrgicos, os interventores formaram o chapão que se instalou na direção do Sindicato até hoje; e nesses quinze anos apresentaram para a classe um sindicalismo assistencialista, temperado pela repressão policial e patronal, quando as bases teimavam em não aceitar seus "guias". Assim muitos elementos combativos foram dedados à polícia e aos departamentos pessoais das empresas.

Em 1978, com as greves de S. Bernardo, um vento novo soprou sobre o movimento operário no Brasil. A Oposição Metalúrgica conseguiu estender o clima de S. Bernardo. Foram centenas de fábricas que entraram em greve, formaram-se comissões de fábrica e a organização, da classe deu um grande salto à frente.

A realidade toda estava mudando. O Sindicato mudava ou a classe passava por cima.

A eleição para o Sindicato dos Metalúrgicos em 78 foi uma grande fraude que ficou clara para todos, mas foi o último ato do velho peleguismo implantado em 64.

A partir daí os pelegos tiveram que mudar de tática. Mudaram a imagem para continuar, como sempre, defendendo os patrões, seu governo, e toda a estrutura sindical vigente.

Em 78 começou-se a falar em volta dos exilados... E assistimos à maior traição da classe: quando o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro desembarcou

em Congonhas foi saudado em discurso comprido pelo arqui-pelego e interventor Joaquim dos Santos Andrade. Estava consumada a aliança entre o peleguismo e o Partido.

A partir daí a coisa ficou braba. O peleguismo trocou de maquiagem; deixou de lado o assistencialismo e começou um sindicalismo mais dinâmico, cheio de cursos, passeios, cores, músicas, etc.

Quem vai coordenar os cursos de Sindicalismo, no sítio de Mogi das Cruzes, será o Hércules Corrêa do Comitê Central do PCB. O jornal do Sindicato, que andava meio por baixo na categoria, por causa das milongas e mentiras, transforma-se num órgão tecnicamente perfeito, redigido pela Oborê.

O conteúdo dos cursos, do jornal, das reuniões e das palestras será sempre o mesmo:

— "Precisamos fazer um sindicalismo responsável". "Chega de aventuras". "Chega de greves que só interessam aos patrões". "Não podemos provocar o fechamento da abertura do Figueiredo". "Queremos um sindicalismo político que lute por uma Constituinte". "Vamos descer o malho nos divisionistas, aventureiros, porra-loucas, anarquistas, baderneiros e bagunceiros da Oposição Sindical".

Disseram e cumpriram. Nesta briga para não perder o controle do sindicato valeu tudo: fofocas, conchavos, boletins falsificados da Oposição Sindical, e até a criação da milícia do "Décio Malho" com halterofilistas e policiais a serviço do gangsterismo sindical dos pelegos reformados. Chegaram até pensar em forjar um atentado contra a casa do pelegão para depois lançar a culpa na Oposição.

E a Oposição? Nestes quinze anos de briga ela evoluiu, e cresceu muito em número. Deixou de ser uma simples oposição à diretoria pelega para ser uma oposição a toda estrutura sindical vigente, lutando por um sindicalismo livre da influência dos patrões e da interferência do Estado.

A Oposição ao longo de todos estes anos conseguiu uma ampla organização das bases que foi importantíssima nos momentos de greve e é esta experiência que pretende levar para o sindicato como primeiro passo para uma mudança real no sindicalismo brasileiro. Os pontos centrais deste programa são os seguintes:

— Lutar por um sindicalismo livre, independente de patrões do Governo e dos partidos políticos e autônomo nas lutas;

— Construção do Sindicato a partir das bases, baseado nos grupos de fábrica, nas comissões de trabalho e nas organizações regionais dos trabalhadores;

— Manter a linha de atuação sindical baseada nas conclusões e nos trabalhos autônomos dos grupos de fábrica, comissões, comandos de mobilização e de greve e dos comitês de apoio à chapa;

— Formação de sub-sedes do sindicato em todos os bairros de alta concentração de metalúrgicos e abertura das discussões sindicais aos metalúrgicos não sindicalizados; promoção de atividades culturais e recreativas nas sub-sedes.

— Contactos com as demais categorias de trabalhadores de São Paulo e do Brasil, de modo a manter uma unidade pela base de toda a luta sindical.

— Luta contra o arrocho salarial e o desemprego, regulamentado pelos conchavos entre os pelegos e os patrões. Campanha pelo reajuste trimestral; reajustes salariais acima da alta do custo de vida; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução de salários, luta contra as horas-extra.

Apareceu uma terceira chapa — chapa 3 — formada por pessoas ligadas ao jornal Tribuna da Luta Operária e ao movimento contra o custo de vida.

Este pessoal, que fazia parte da Oposição Sindical até o começo de 81, não saiu com a Chapa 2 por um motivo muito simples; discordam que um sindicato, ou qualquer organização, de massa tenha que ser independente e autônomo dos partidos políticos. Acham que isso é anarquismo, basismo, expontaneísmo, etc. É, realmente a prática deles é muito diferente da da Chapa 2; nas portas das fábricas é visível. Eles chegam nas fábricas, penduram uma porção de "Tribunas", distribuem alguns boletins do Dep. Aurélio Peres (o candidato deles) e vendem o que for possível de Tribuna e... só! Trabalho de base, papo com operário, divulgação da briga, isso é com outro departamento.

Mas de qualquer jeito estamos nessa. A partir do dia 13 é que a onça vai beber água e essa batalha de São Paulo está apenas começando.

Documento: “Comunicado do Comando Geral”

Nossa greve dá um descanso hoje, depois de 42 dias de luta onde nós mostramos a todos os patrões que peão tem dignidade, vontade e força para defender seus direitos. Nossa greve foi histórica e heróica. Histórica porque a peãozada da Fiat mostrou para todos os trabalhadores brasileiros o caminho por onde passa a defesa do direito de trabalhar e a não aceitação da humilhação e a marginalidade do desemprego. Heróica porque o peão sarapa da Fiat teve que mostrar isso sozinho.

Porque paramos? É importante ver a diferença que há entre derrota das reivindicações e derrota do movimento. Do ponto de vista das reivindicações, fomos derrotados. Não porque faltou garra ao peão, mas porque tivemos que enfrentar não só a Fiat, mas as Federações das Indústrias de São Paulo e do Rio, o Governo através da justiça do Trabalho e da Repressão policial, que a pretexto de evitar tumultos sempre se colocou descaradamente contra os trabalhadores. Por outro lado, nós não tivemos a solidariedade, ao mesmo nível que os patrões tiveram, por parte da maioria dos grandes Sindicatos e Federações de Trabalha-

dores. E o apoio maior que poderíamos ter tido da parte dos trabalhadores, através de greves contra o desemprego, não veio. Não porque não houvesse vontade e consciência, mas porque não há organização como a nossa nas outras fábricas.

Precisamos tirar lições dessa greve, e para isso é necessário que se entenda, além da aparência, o movimento em toda a sua profundidade:

1º — A Fiat sozinha jamais seria capaz, como não foi até agora, de nos derrotar nas nossas reivindicações. Mas também a peãozada da Fiat sozinha não poderia derrotar nunca as Federações patronais, a justiça do Trabalho e a repressão do Estado. Daí a necessidade de haver organizações em outras fábricas como existe na Fiat.

A nossa greve, começou contra a Fiat, e enquanto era só contra a Fiat nós estávamos impondo a ela derrota em cima de derrota. As Federações Patronais, a Justiça e a repressão entraram com tudo na briga, e apesar da tentativa de nossa parte, não conseguimos dos tra-

balhadores brasileiros a mesma unidade conseguida pelos patrões.

2º — Outro ponto importante a ser entendido é a questão do fura-greve. Eles sempre foram minoria ínfima em todo o decorrer do movimento. Os companheiros que voltaram ao trabalho a partir do dia 10/6 não podem ser considerados traidores do movimento. Esses grevistas voltaram obrigados pela fome e pelo isolamento da greve.

Por outro lado, os companheiros grevistas que voltaram pela volta ao trabalho também não traíram o movimento. Como considerar traidor um companheiro que levou o movimento durante 42 dias e até o último dia se manteve firme? O voto na nossa Assembleia do dia 10/6 pela volta ao trabalho é um direito democrático, coisa mais importante no nosso movimento.

Isso não se refere à farsa eleitoral montada pela Empresa, onde companheiros combativos, desorientados e abaixo de repressão, trocaram sem saber a volta dos 49 demitidos por migalhas oferecidas pelo patrão. A farsa foi tão

destruía que eles precisaram de administração, chefias e segurança para votar. E todos sabemos que os privilégios entre eles nunca pararam nem um dia. Como votar pela volta ao trabalho quem nunca se afastou dele.

3º — Outra questão fundamental a entender é a diferença entre a derrota das reivindicações e a derrota do movimento.

Nós fomos derrotados nas reivindicações e temos que assumir isso. Mas o movimento não foi derrotado. É fundamental que toda peãozada compreenda que a luta é feita de derrotas e vitórias. É assumindo as derrotas que poderemos tirar lições corretas para vitórias futuras. Fomos derrotados nas reivindicações porque, como já foi dito acima, a peãozada da Fiat com sua consciência e organização sozinha pode acender o estopim da bomba na luta contra o desemprego, mas não pode substituir a bomba que é a greve geral.

O movimento não foi derrotado. A derrota foi das reivindicações e não do movimento. Não aceitamos migalhas do patrão porque isto seria vender a nossa dignidade.



Autogestão das lutas na Greve dos Médicos

Gumercindo (RJ)

No processo de desenvolvimento da greve dos médicos vieram à tona alguns aspectos de uma maneira de organização inegavelmente ligada à **Autogestão das lutas** e ao caráter antiautoritário da ação.

Diremos também que a greve revelou contornos de um verdadeiro sindicalismo que deve ser fortalecido à partir da prática cotidiana.

ANATOMIA DE UMA ORGANIZAÇÃO LIVRE

A maioria esmagadora dos médicos do Rio de Janeiro são assalariados do Estado ou de empresas privadas e, como tais, submetidos a um sistema de exploração brutal, trabalhando em condições muito precárias e, muito deles sem ter sequer registro em carteira.

A partir destas contradições a categoria resolveu agir vigorosamente. Foram criadas as **comissões salariais** nos hospitais e ambulatórios e demais locais de trabalho. As **comissões** sintetizam as atividades e as discussões autônomas das bases, ampliando a organização da categoria e federando no Sindicato estas diferentes **organizações de base**.

As comissões evoluíram rapidamente e transformaram-se em promotoras das **Assembleias Gerais** nos locais de trabalho, onde todo o profissional médico participa, debatendo e decidindo.

Esta dinâmica da atuação das bases foi decisiva para que as **Assembleias Gerais da categoria** fossem extremamente concorridas, atuantes e democráticas, com a participação de até 3000 médicos.

Nas Assembleias gerais da categoria são discutidos livremente os problemas constantes da ordem do dia. Ouvida a opinião da Diretoria, escutado o pensamento de cada unidade de serviço, através de seu representante, a palavra fica aberta aos que a quiserem utilizar, apenas com limitações de tempo para que todos possam se pronunciar. E finalmente vem a votação para a decisão dos assuntos em pauta. Uma vez chegados à uma decisão, todos se unem para executá-la, numa verdadeira unidade democrática.

IMPORTÂNCIA DE UMA DIRETORIA CONSEQUENTE

Essa tomada súbita de consciência, esse movimento autenticamente autogestionário e vivificador de um sindicalismo livre e consequente, em grande parte, é impulsionado pela atual Diretoria do Sin-

dicato e especialmente pela pessoa do seu presidente Roberto Chabo.

Isento de rompantes autoritários, calmo, ponderado, infenso à manobras oscuras e conchavos, absolutamente democrático, mesmo quando duramente criticado; ele jamais deixou de abrir espaço para os que, de uma forma ou de outra, dissentem de qualquer de suas atitudes, ponderando que todas as divergências tem que ser postas de maneira clara nas Assembleias Gerais, único fórum capaz de derimi-las.

Nem mesmo quando suas posições são superadas pelas decisões da **Assembleia Geral**, a diretoria deixa de assumir as posturas de luta determinada pela maioria, caracterizando-se assim como órgão meramente executivo da categoria e não como sua direção iluminada. Isso é evidentemente uma maneira de agir profundamente libertária, que tem auxiliado em muito a organização da classe médica.

A HORA DAS REIVINDICAÇÕES QUALITATIVAS

A luta do Sindicato dos Médicos não se dá apenas pela reivindicação de melhores condições salariais; ela se situa também ao nível das **reivindicações qualitativas**, como melhora do atendimento dos pacientes, melhores condições de trabalho, uma política de saúde voltada para as necessidades das grandes populações trabalhadoras, etc. É nesse aspecto que está nascendo

um entrosamento entre as Associações de Moradores, Sindicatos e organização de favelas, junto com demais organizações populares, com o objetivo de lutar contra os tecno-burocratas do Governo que têm uma visão de gabinete dos problemas de saúde do povo.

A luta dos médicos enquadra-se no contexto geral da luta do povo brasileiro por uma **melhora imediata** das condições de vida e trabalho.

A EFICÁCIA DA ORGANIZAÇÃO CONHECE-SE NA HORA DA BATALHA

Armados com estes instrumentos os médicos cariocas foram à luta, numa circunstância desfavorável para os movimentos dos trabalhadores, num momento em que os setores sindicais reformistas aconselhavam prudência e moderação, num Estado no qual tem-se concentrado o terrorismo impune da extrema direita, eles souberam criar o seu momento.

A categoria estava bem preparada e bem organizada pelas discussões de base, a população estava sendo esclarecida sobre a real situação dos serviços de saúde, e assim de uma maneira suave e natural, o movimento foi sendo gestado no seio da classe.

Primeiro ocorreram paralizações relâmpago, por prazos pequenos e determinados; as forças foram se acumulando, as consciências se esclarecendo e a comba-

tividade crescendo. Em meados de junho o movimento foi deflagrado com força total: as paralizações, numerosas desde o primeiro dia, só tem feito crescer, o ânimo da categoria sempre elevado e o apoio e o reconhecimento da população sempre presentes.

O governo de início respondeu com o descaso, tentando vencer pelo cansaço, ao ver que a tática não surtia efeito, partiu para a repressão tentando quebrar a espinha dorsal do movimento. Mas esta manobra já tinha sido prevista pela categoria.

Partindo do princípio de que o Sindicato não é nem a sede, nem a burocracia, mas sim a organização da base atuante e organizada em cada local de trabalho, a greve mudou sua estratégia quando a Diretoria foi cassada.

A Assembleia de 22 de junho, convocada sob o impacto da cassação deliberou a continuidade do movimento, transferiu a sede das assembleias para a sociedade de Medicina e Cirurgia e foi uma das mais animadas da campanha, recebendo várias adesões. Um Comando de greve foi eleito, e, para prevenir as provocações anunciadas do DOPS, decidiu-se fazer a triagem dos pacientes **dentro** dos hospitais, evitando-se os piquetes.

No momento de auge de repressão ao movimento a categoria soube dar a resposta correta: A ampliação da greve.

A solidariedade foi um dos pontos altos do movimento: chefes de Seção preferiram colocar seus cargos à disposição à "dedurar" companheiros e, no momento em que escrevemos existe a possibilidade de outros Estados aderirem ao movimento.

Seja qual for o resultado deste movimento, os trabalhadores do Rio de Janeiro deram uma importante lição ao movimento de massas brasileiro; apesar de todas as dificuldades, é hora de avançar a luta pelos caminhos mostrados pelos peões da FIAT e pelos médicos dos hospitais públicos — caminhos da auto-organização, das reivindicações qualitativas ao lado das econômicas, caminho das lutas que tentem alterar os esquemas de dominação de classe e não apenas tornar mais cômodos os grilhões. Talvez ainda seja um pouco cedo para que o movimento perceba o alcance desta via, mas certamente estas lutas tirarão o movimento do atoleiro parlamentarista em que se afundou.

Encontro Sindicalista no Sul

Já está sendo articulada a organização da Conferência das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) em quase todo o Brasil.

Alguns Estados estão realizando encontros regionais (ENCLATS) preparatórios, como no Rio Grande, que reuniu as cúpulas sindicais nos 20, 21 e 22 de junho em Porto Alegre.

Infelizmente, para um encontro preparatório à um congresso nacional, havia cacique demais para muito poucos índios: a própria convocatória já excluía mobilizações mais amplas.

Os debates polarizaram-se entre militantes do P.T. e simpatizantes do

jornal "Hora do Povo", centralizando-se sobre a questão da autonomia do movimento sindical e a formação da Central única dos trabalhadores. O eixo material da discussão foi o "Imposto Sindical", o PT querendo a abolição gradativa e a "Hora" defendendo não só o imposto como a ampliação da alíquota destinada às Federações.

Será que a moçada ainda não percebeu que a autonomia da classe é garantida sómente com a sua auto-organização de baixo para cima?

Aguardem no próximo Inimigo — tcham, tcham, tcham — mais sobre o CONCLAT. (Zeca)

Negada Parte Pro Pau Treme a Base do Racismo:

Sem nenhuma nota na imprensa, realizou-se nos dias 23 e 24 de maio último a I Encontro em Defesa da Raça Negra na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estando presentes mais de 25 entidades representativas da comunidade negra, debateu-se vários pontos de interesse para esta população discriminada e marginalizada. Entre as várias entidades estavam o Movimento Negro de Piracicaba, Participação Universalista Para o Renascimento Humano, Grupo de Divulgação da Arte e Cultura Negra de Araraquara. Estes grupos e os demais discutiram durante os dois dias pontos distintos da pauta do Encontro, tendo no final se reunido para um debate no Plenário. Os grupos subdivididos discutiram problemas relacionados com o Desemprego, Violência Policial, Política Nacional, Cultura Negra e Organização Geral do Movimento Negro.

O grupo que discutiu o desemprego concluiu pela participação dos grupos e entidades negras nas mobilizações que irão preparar a Greve Geral marcada para primeiro de outubro próximo, proposta esta aprovada no Primeiro de Maio de São Bernardo do Campo. Decidiram também elaborar planos para a formação de uma "Campanha Contra o Desemprego", que reuniria todos os trabalhadores, negros, desempregados, etc. O grupo que tratou da Violência Policial resumiu seus trabalhos na necessidade da população negra se auto-organizar para fazer frente à crescente violência policial como também se articulando com o apoio jurídico, em casos concretos com o Dept.º Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto e OAB. Quanto a Política Nacional, buscou-se pensar em orientar a população negra a participar dos partidos que tenham direções comprometidas com a luta do negro e de todos os

trabalhadores. Em relação a Cultura Negra, se colocou a necessidade de trabalhos de valorização da cultura negra, busca de valores africanos, exigência de uma postura crítica da Igreja em relação ao papel que desempenhou o Cristianismo no processo de escravidão do negro como também cobrar da igreja um efetivo reconhecimento da luta do negro, seja criando núcleos de bases, de discussões em profunda colaboração com os grupos negros. Organização Geral do Movimento Negro decidiu entre outras coisas realizar encontros regionais ou estaduais. Sobre a questão da opressão da Mulher Negra, propôs também a criação de um "boletim" estatual mensalmente ligado aos grupos e entidades do estado.

Aprovou-se por último a criação de uma organização volante, integrada por todos os grupos presentes neste I Encontro para a realização de trabalhos na periferia das cidades conscientizando e discutindo a discriminação e o preconceito no Brasil. Para Milton Barbosa, integrante da Comissão Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado o I Encontro em Defesa da Raça Negra foi um avanço principalmente por terem sido tiradas propostas concretas de ação e com uma estrutura mínima que permita que a luta avance além dos limites que hoje está. Para ele a aprovação do Plenário sobre problemas como o desemprego e a violência policial, lutas, que segundo ele, o MNU tem levantado nestes últimos anos buscando sensibilizar todos os negros sobre estas ameaças. Assim o I Encontro foi mais que um levantamento de problemas mas a determinação efetiva que os negros devem se unir para conseguir lutar e resolver os problemas comuns: a violência policial, a marginalidade e o racismo. VANDERLEI JOSÉ MARIA.

Elegia a um pássaro negro

Lepê Correa (PE)

Relembrar você
É ter diante da gente a imagem á
De um carvalho secular
Que sempre de pé está
Desafiando tufões

Ficas entre o riso e pranto
Entre a figa e o quebranto
Guardas com fome o manjar
Pois sabes que não mais voltar
É maior das maldições

Frente Negra morreu cedo
Achando melhor ir primeiro
Experimental foi teu barco
E o popular saiu do charco
Foi do povo ao povo inteiro

Brasileira foi tudo
Fai gingado negro ardente
Do estudante à lavadeira
Cantar desta terra inteira
Talvez quem te amou primeiro

Poemas de uma vida simples
Te levou à cela fria
Pensaram matar a poesia
Qual, nasceu foi canto melhor
Porta voz de tua vontade

Recife negro te aclama
Pois desta madrastra nasceste
Nós também. Tu és mais que Saudade
Abre as cortinas obatalá
Que nós queremos saudar:
AXÊ SOLANO TRINDADE

Filho, poeta e pai

Lepê Correa (PE)

Eu quero ver o que será deles todos
Quando de punhos fechados e erguidos
Risos largos, passos juntos
Caminharemos pelas ruas
Sem medo, vergonha, sem dramas

Eu só quero mesmo ver
Quem acordará primeiro
Prá ver nossos filhos nas ruas
Porém, bem vivos, reais

E nós negros velhos altivos
Não mais roubados na vida
Um saldo imenso a favor
Uma história conquistada
Estória negra verdade
Que eles a contra gosto
terão também que ensinar

Calcaremos sobre os pés
A "infâmia e a Covardia"
Que inda já sob a bandeira
Que um dia um andrada alçou
E de repente um grito: AXÊ
Salve OLORUM nosso porvir
E da aurora surge ORUM
Erguendo SOLANO e ZUMBI





"O organismo econômico da Revolução"

"Organismo Econômico da Revolução - A Autogestão na Revolução Espanhola - Diego Abad Santillán - Ed. Brasiliense S. Paulo/80.

Este livro foi escrito no calor dos debates em torno da implantação das idéias anarquistas na Espanha de 36 a 1938. Era então proposta a dissolução do Estado, desapropriação dos meios de produção em favor dos trabalhadores que fariam por si funcionar a máquina econômica, concomitante a uma pulverização do domínio da hierarquia, especulação e lucro no fruto e nas relações de trabalho.

Aos que dizem ser tudo isto utopia, acrescente-se, que aconteceu. Uma discussão fechada dogmaticamente pelo marxismo científico de cátedras encontra um desmentido categórico nos fatos das coletivizações libertárias da Espanha, que Santillán expõe límpido e sem economês algum. É um livro sem guirlandas teóricas; simples e objetivo. Todo o laboratório do dr. Silvana dos gênios da teoria se estilhaça à luz deste "Organismo". O mito do partido e outras pérolas do pensamento político criadas no leite para gozos do monopólio da verdade, cai por terra. E ameaça avivar as lembranças, para angústia dos rabugentos marxistérios, como se comportou este indigno representante dos trabalhadores - o partido comunista - no mundo inteiro (indiferente) e da Espanha (matando e boicotando uma revolução em marcha).

Atesta o prefaciador - Maurício Tragtenberg - que a experiência de socialização em Espanha foi mais além daquela introduzida na URSS entre 1918-20. Na Revolução Espanhola, com a extinção da propriedade particular sucedeu-se, não um Estado centralizador, mais um critério federativo e solidário com a base dirigindo a produção. Ao invés de um partido capitalizar o privilégio de guiar o destino do país, como na União Soviética, se deu uma prática de organização autogestionária.

A classe trabalhadora de um país lançou-se por quase 3 anos no caminho antevisto por Santillán. Cai mais um mito. A República vacila diante do golpe

militar fascista. O povo invade quartéis e se arma: faz revolução sem depender de "vanguarda". Era o momento em que Hitler tinha o poder na Alemanha, Mussolini avançava na Itália e a Espanha constituía-se para o nazi-fascismo ótimo campo de provas para material bélico; a aviação alemã fez sua estréia lançando bombas sobre cidades como Guernica.

O desfecho da guerra civil, por isso, marchou para o lado da balança que mais recursos teve em armamentos, homens e mantimentos. Do lado libertário havia uma aliança minada com os comunistas enquanto Stálin compactuava estrategicamente a não-agressão com os nazis e dava em sacrifício o destino da Espanha. Os partidos comunistas do "mundo livre", o que indignava George Orwell, injuriavam com sua imprensa a condição real da luta dos anarquistas contra Franco, numa demonstração de fraco aprendizado da tão propalada solidariedade internacional da classe operária.



"A revolução desconhecida"

O fenômeno da Revolução Russa ainda continua causando espanto e perplexidade. É composta de numerosos acontecimentos e se verifica simultaneamente em várias regiões do vasto território russo, o que torna difícil uma visão global.

Foi realizada desde sua gestação e desenlace pelo povo que, não suportando mais a tirania czarista, a fome tenebrante, a desorganização da vida social, a trágica guerra com o Japão, botou abaixo um regime opressivo.

Volin (Vsevolod Mikailovitch Eichebmau) historiador libertário, participante ativo do evento russo, em seu livro "A Revolução Desconhecida", nos apresenta o nascer da eclosão, seu evoluir até o estabelecimento definitivo da ditadura bolchevista. Entretanto o faz apresentando aspectos verdadeiramente inéditos, que não figuram em outros trabalhos que tratam do assunto: o nascimento do primeiro soviete, a Revolta de Kronstadt, a extraordinária ocorrência da Macknovitchina ocorrida nas terras da Ucrânia.

Em boa hora a Global Editora lançou esse extraordinário

livro que nos fornece um testemunho fecundo da história da Revolução Russa.

A Revolução Desconhecida, por Volin, Global Editora, São Paulo, 1980, volume 1º, 157 págs. - Cr\$ 320,00.

Se você deseja entrar em contato com o pessoal de O Inimigo do Rei escreva para:

Caixa Postal — 2540, CEP 40.000, Salvador, Bahia.

Caixa Postal — 11.277, CEP 05.421, São Paulo, Capital.

Caixa Postal — 10.563, CEP 90.000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.



Tarefa árdua, paradoxalmente, pela sua exiguidade, a de Caio Túlio Costa: tentar condensar o Anarquismo em 120 pequenas páginas de um livro de bolso.

O projeto fica mais complicado por estar baseado em bibliografia de supostos historiadores da doutrina, como James Joll, G. Woodcock, P. Avrich, sempre frágeis, desinformados palmilhando terreno desconhecido.

Entretanto, há no trabalho de Caio Costa um propósito honesto, uma finalidade objetiva, leveza e agilidade na estrutura do texto que nos faz prosseguir na leitura e desejar outra centena de páginas que poderiam existir para maior elucidação do tema.

Agora que atingiu a 3ª edição, acreditamos que o autor já teria pensado em algumas correções necessárias. Por exemplo, na pág. 40 "... (Bakunin) nunca teve uma idéia original", ou na pg. 54 "... (Kropotkin) escreveu a Ajuda Mútua (...) a clássica formulação das idéias comuns a quase todos os anarquistas de que a sociedade não passa de um fenômeno natural (...). "O velho revolucionário deve ter dado uivos de indignação lá no inferno onde repousa justamente. Ver um fundamentado trabalho de pesquisa no campo da teoria da evolução que complementa e corrige o darwinismo, ser tratado em um pouco mais de sete linhas confusas é no mínimo uma temeridade.

Acreditamos que o autor já se tenha dado conta desses pequenos deslizos que, na realidade, não desmerecem do livro. Recomenda-se como leitura informativa para iniciantes.

O Que é o Anarquismo, de Caio Túlio Costa, Editora Brasiliense, S. Paulo, 1981, 3ª edição - Cr\$ 120,00.

*Retesa bem teus músculos.
Tens urgente tarefa a realizar
Na bigorna com tenaz e camartelo,
Amoldar igneo ferro,
Exclusivamente,
Em ferramentas de produção.*

*Enxadas aos milhões, martelos, alviões,
Tudo que pode revolver a terra
Para legiões de parasitas produzirem...
É a tarefa mais simples e útil que
Poderão apreender.*

*Casacas, smokings,
Fardas, bonés,
Chanfallo.*

*Tudo, tudo, tudo!
Que significa parasitismo,
Destruição, violência e morte,
Será incinerado ou transformado
Em ferramenta de produção.*

Ferreiro!

*Retesa bem teus músculos
E mãos à obra.*

*A Terra bendirá o regresso
Do Filho Pródigo,
Milhares de anos afastado.*

*Verá os campos floridos,
As matas cobrindo o pico das montanhas.
Pulmões inundados de ar salutar.
Abelhas zumbindo, fecundando flores,
Passaros erguendo cânticos à vida
Do Novo Homem civilizado que surge,
Do Homem que sacudiu as cangalhas,
Todos os jugos,*

*Para na Terra Livre
Construir vida livre!*

*Vida de reunião entrelaçada
Através de desaparecidas fronteiras.*

*Antonio Costa
Hospital Gama Filho em 18/2/81*

**Cartas aos Anarquistas (1)
W. Rio Apa**

Vocês me comoveram. Mas antes, em nosso primeiro encontro, foi surpresa o que senti pelo desconhecimento ou indiferença de vocês sobre os valores, significados e conseqüências para as transformações da sociedade urbana e sua cultura da invasão dos imigrantes nos grandes centros, através de mais ou menos trinta anos de êxodo rural. Fiquei surpreso, repito, por não descobrir implícito como base ou pelo menos como fator decisivo na luta anarquista, esse imenso, vulcânico e fecundo material humano, marginalizado em todas as grandes e pequenas cidades brasileiras, depois de realizar a maior retirada da história. Sim, um feito incomparável por sua quantidade (50 milhões de pessoas) em movimento ininterrupto, distâncias percorridas, sacrifícios, fome. E vocês que estão aí, nessa necrópole completa que é S. Paulo, vendo e sendo envolvidos e sofrendo mutações culturais, psicológicas provocadas por essas massas de retirantes, que o sistema já é incapaz de absorver, vocês, anarquistas, não inserem nas suas complexas listas de ação estratégica, essa força histórica e renovadora de todas as civilizações. Sequer, companheiros, conhecem verdadeiramente ou são capazes de valorizar esse homem da terra ou do mar no que ele preserva de uma cultura

milênar, sábia, realista e por isso mesmo autogestionária e ainda auto-suficiente. É, meus amigos, a sociedade comunitária camponesa foi a única cultura que realizou basicamente, até ser destruída pela cultura urbana e dominante de vocês, as possibilidades anárquicas do homem histórico. E, notem bem, ainda as realiza em princípios, nas colônias e grupos familiares mais isolados ou não de todo contaminados pela tirania do poder e do sistema urbanos. Deixa pra lá... por enquanto. Agora quero agradá-los, dizendo que depois da surpresa mencionada, admirei muito a inteligência, o sentido de solidariedade, a causa humana que vocês expressam no ativismo, nas finalidades estratégicas das lutas diárias e entendimentos políticos com outras facções igualmente crentes e empenhadas na conquista de posições, politização libertária. Essa admiração revelou-me dimensões da vontade, da esperança e dos valores da individualização, aos quais vocês estão consagrados. Bonito e comovente! É, ao conhecê-los melhor, me emocionei com o sacrifício, o desgaste pessoal, o custo em tempo, saúde, problemas existenciais e estado psicológico que vocês sofrem. Sobre esses aspectos humanos, culturais e existenciais práticos, bem mais que teorias, proposições e crítica, pretendo escrever uma seqüência de cartas a vocês, anarquistas. Até a próxima.

Fragmentos do Trabalho

Flaminio Araripe

O trabalho — a mais dignificante forma do homem empregar suas capacidades — crenitiza um pouco os indivíduos. A grande maioria das categorias profissionais apresenta índices assustadores de deformações específicas, registrados nos respectivos departamentos jurídicos e médicos sindicais. O aparato psicanalítico criado para administrar o que antes foi a saúde mental presta contas das terríveis sequelas inscritas no imaginário social e individual, e ao mesmo tempo socorre a piracão *bad trip* da classe média à procura da felicidade.

Nem só por acidentes ao pé da máquina, mas sobretudo através de um processo cotidiano as pessoas são corroidas pelo mito voraz da produção. Já não se suporta mais sem dor um certo tipo de falseamento da realidade como consequência de uma degeneração da atividade produtiva. Compulsões invadem os hábitos de inúmeras tarefas e um retrato do novo homem daí surgido começa então a desbotar com prejuízos graves para a identidade do cidadão esforçado caindo pelas tabelas.

Nesse redemoinho desvairado de ilusões, violência e causas de esquizofrenia não se sabe se dentro ou fora do mercado de trabalho o saco de gatos, a confusão é maior. O fantasma do desemprego sustenta pelas costas muitos trabalhadores e fornece ótimas razões para funcionarem na estiva diária. Mas não deixa de atraí-los aqueles a que dá sustentação vital. Este é um dado coercitivo e perturbador — o medo do desemprego — quando considerado obsessivamente, e constitui motivo de quebrar bastante gente até o ponto OK de engolir sapos da organização produtiva e chefias estúpidas.

Mas é com o vírus da peste que se encontra a vacina para os males. Do lado da rua fica impossível ao menos reconhecer como se movimentar nas brechas de todas as exigências do serviço, para continuar tocando o barco. Apesar de com isso às vezes se sacrificar a sensibilidade, embotada com tanta insatisfação sem canalizar-se numa expressão real.

O grande desafio hoje para um assalariado qualquer está sendo como salvar a sua situação do dia-a-dia como pessoa consigo mesma. Pode-se fantasiar um pouco este conflito e dizer, no gênero salvapátria, em tons proféticos, que o problema é derrubar o capitalismo. Bela frase. Mais bonito ainda é identificar-se com um processo redentor destas cruas realidades, uma interpretação histórica incomum que não pode estar errada, é tiro na mosca. E queda, mais ainda queda (está parecendo o drama acontecido com Adão em voltas com o peso da desobediência) para quem só perde privilégios. Mas se a iluminação ideológica for bastante para fazer brilhar as consciências, em companhia do anjo da guarda do partido, tudo pode melhorar, pois as igrejas estão fundadas ávidas de fiéis.

Todo mundo quer dar sentido àquilo que lhe está sendo roubado cotidianamen-

te. Madame alienação incomoda no geral. Este trabalho de recuperação pode se resolver num sentido sindical único, duvido que satisfatoriamente. No entanto a esta saída reconhecida viabilização quando o movimento mexer com a solidariedade entre companheiros em igual situação e refletir nas famílias como um todo. A mulher no tanque, o filho na escola, o pai na máquina — todo mundo se sacode. Cada um procura se encaixar do melhor jeito, sobreviver. A taxa do possível não anuncia miragens às suas vistas.

Já com relação aos trabalhadores intelectuais o ponteiro gira diferente. Este povo quer mais compensação. Genéticamente não está preparado ao pesado batente sujo de óleo. Nem se arrisca a fazer a experiência de "descer às bases". Tá a fim de prazer, assunto em moda. Serve mais procurar dentro de si o caminho da expressão artística: virar escritor, pintor, fotógrafo, dançarino, garçon de restaurante naturalista, dar massagem, ser músico, achar a ideologia exata, cantar, ser ator, poeta, mambembe, alguma coisa

independente. Anarquista, inclusive. Sobreviver na cultura.

Os pontos de sucesso não desabrocham tão fácil como os anéis de tensão ou meridianos do mapa de do in. O meio caminho da estupidez, volta ameaçador, tudo de novo. Os papéis trocados, o aos, a confusão geral. O psicanalista ao lado segura o mais vertiginoso da viagem. Vozes dissonantes. Mesmo assim se consegue num relance obter a alegria: quebrar os padrões de dominação que são muitos e mais internos que externos do que imagina a vã insatisfação.

Esse povo, assim caminha. Dá-lhes, moçada, malucos do Brasil. Não chegaremos ao Paraíso, e nem sei se alguém ainda alimenta esta expectativa mais, embora uma coisa se tenha aprendido bem: a se movimentar entre os destroços, a saber achar as flores e olhar as estrelas. Entre si, quem sabe, se tenha achado um jeito melhor de se relacionar mais verdadeiro.

O PÂNTANO MOVEDIÇO

Os encontrões cotidianos com a burocracia. Com resvalos nos valores da ideologia dominante, capitalista, dia-a-dia aberrante, pactária sinistra do dinheiro e risos triunfalistas. A lógica autônoma tiranizante do tal "lógico". Espessa tessitura de bobagens consagradas que paralisam o ser humano enquanto o faz funcionar em esquemas estritos, numa psicologia de beco sem saída. No momento em que se procura o homem e seus inconfundíveis sentimentos que selam uma identidade real, saudável, no celeiro da burocracia imperante isto fica difícil, impossível.

Estes valores da humanidade desaparecem entrenchados nas repartições, setores e nos hábitos de horários rígidos de um funcionário sem imaginação, completamente desfigurados, com sinais trocados, de validade negativa. Na conquista de posições e cargos o chamado homem original se arrojou, deu uma volta completa desde seu ponto de repouso onde podia ver-se a si mesmo com tranquilidade, e invadiu o terreno da burocracia ascendente.

No objetivo dessa "conquista" inclusive suas emoções se regulam pela organização óbvia a partir do exterior. O calor humano se dispersa diante de tantas obrigações cronometradas. O lazer também fica invadido pelo exército de compulsões irrisórias que giram a máquina do mundo, através deste ser tornado minúsculo e sufocado nos tiques nervosos de "fazer o certo", "cumprir o dever", "ser eficiente" (?), "salvar a pele", "mostrar serviço".

São cobranças do sistema para o indivíduo programado. As respostas competentes se destinam a um tipo de individualismo que pode estar a serviço da "minha família", do "futuro", ou mesmo do cauteloso comportamento de "evitar a catástrofe": desobedecer, desiludir os chefes ou familiares das próprias boas intenções.

"Macacos atrás da mesa"

Flaminio Araripe

MACACOS ATRÁS DA MESA

Os políticos profissionais organizados nos partidos convencionados de oposição agem contra o governo com objetivo na troca de postos, claro. Os sindicatos contemporâneos, por sua vez, ao lidar com relações de trabalho atacam os padrões, dos quais às vezes aprendem mais do que necessário. Ou então deliberadamente passam vaselina. A derivação pelega do sindicalismo se origina daí, na grande habilidade em desempenhar os interesses dos trabalhadores. De uma simples necessidade de arbitrar os conflitos, eles passam a ser inclusive profissão. E — não desmaiem — alcançam projeção nacional. Enquanto pessoas podem, no entanto, ter méritos para brilhar, cada vez mais.

A enturmação dá bandinha estridente governo-patrão se completa com a figura ora ridícula ora sinistra dos chefes — aos quais não se deve atirar pérolas. Nem aos porcos, recomenda o sábio ditado árabe.

Quem não quer ter chefe, apesar de haver um imbecil que se arroga mandatário por estar atrapalhando a capacidade dos trabalhadores assumirem a produção, saiba que também os empregados criam os chefes. Os comedores de merda, agentes do desprazer, irradiadores de más energias são as antenas negativas das vibrações poluentes, na sociedade modelar em que sobrevivemos. Estas pessoas, sofrendo de uma fraqueza interna conhecida por ganância, esqueceram do fato de que o homem é homem nas relações entre si. Desmemoriados que são, irresponsáveis, pois não parecem saber a consequência real de seus atos, submetem aos outros seres humanos cujo acaso a sorte amontoou na mesma empresa.

TROGLODITAS CIBERNÉTICAS

A pessoa que ainda necessita de salário para sobreviver pode ajudar estes indivíduos perdidos de finalidade mais digna. Basta olhar dentro dos olhos petrificados por tanta falsidade e tratá-los como gente, e não como a mistificação do burocrata detonado (o chefe). Quando você se dirigir ao homem — e não ao chefe — pode ir firme pois não

o encontrará fácil naquele lugar. Poderá até achar o que procura, o ser humano. Mas é raridade em extinção deparar com alguém de mentalidade ocupando estas funções. O grosso das fileiras dos porquinhos, asseguro, são seres enrijecidos, gelatinosos, ambíguos, tipo caráter esgotéricos e — mais — causadores de infelicidade a todos que deles se aproximam, inclusive familiares.

O cotidiano do trabalho é como estar num hospital na beira do front, observando bem. Só que nesta guerra os mais doentes ocupam os postos chaves. É o caos arrumadinho, os papéis em ordem e as cabeças funcionando a muque no encaixotamento da realidade. Os corações destes coitados não pegam nem letra diante da prioridade do serviço. Pobre ser vil.

SUFOCO x REFRESCO

Como existe par tudo que se imagina, um discurso libertário, na função da chefia existe o discurso dos chefes. Diz ele: "tenha aquele medo especial que encomendamos especialmente para você" — "seja inseguro", "obedeça", "não crie problemas", "não reclame", "siga o horário rígido", etc.

O pior é que existe gente mais pusilânime ainda que se verga a essa cartinha absurda. Estas pessoas, cujo espectro compreende desde o puxa-saco ao rebelde medroso (tá certo, existe uma crise, inflação, essas coisas) formam de sua existência objeto de confirmação do falseamento da realidade. No cotidiano portanto, chegam a ser a bucha de canhão da sociedade sem rumo, trituradora de cidadãos e arrogante em sua abrangência. Acreditem, não é o mais belo espetáculo da terra essa massa de trabalhadores apregoada nos discursos da politicália sisuda.

A massa de trabalhadores passada a troco para efeitos de oratória tá muito distante do dia-a-dia de qualquer assalariado. A retórica dos demagogos de ocasião atinge em cheio o grande público (outra balela de triste origem). Seria perda de tempo falar diretamente ao homem, em termos de expectativa de votos, não dá retorno em comparação com obrigação maior que é servir aos interesses mais altos da classe operária. Epa!

A Funai continua "funendo" nossos índios

Leco



O drama de ser índio neste país começou exatamente em abril de 1500. A partir da primeira missa acabou-se o sossego dos Xavantes, Tupiniquins e muitos outros e começou um longo e eficiente massacre, tanto cultural como físico das nações indígenas.

O massacre cultural tem seu apogeu nos dias de hoje quando um grupo de Xavantes apresenta-se no Teatro Municipal de São Paulo dançando com calções vermelhos: pois na certa o penis Xavante despertaria sonhos eróticos nas damas e senhoras paulistas. Inominável atentado ao pudor da nossa civilizadíssima metrópole.

Mas o inquietante no momento é o massacre físico; no começo os brancos eram minoritários e contavam com pouca organização, mas contavam com o auxílio da poderosa Igreja que os ajudava a catequizar, escravizar, matar e sífilizar os índios. Hoje o branco já conta com a ajuda das multinacionais, do "nosso exército", de colonos famintos, da Igreja conservadora e da Gestapo de Pindorama - a FUNAI - para terminar a sua obra meritória.

Com a criação da FUNAI - Fundação Nacional do Índio - em 67, a briga ficou mesmo desigual, notadamente nas questões de demarcação das terras indígenas. Este é apenas um dos problemas que aflige os índios; mas se lembrarmos que estamos no país do Projeto Jari, onde um americano compra 3 milhões e 600 mil hectares de terra pela pechincha de 0,30 centavos o hectare, veremos que a coisa fica muito brava.

Do latifúndio surge o bóia-fria, camponês sem terras, produto da

penetração do capitalismo no campo brasileiro; e o capitalismo tem alergia a índio.

Em maio o problema da demarcação chegou às páginas dos grandes jornais: os colonos invadem terras que os Xavantes pedem que sejam demarcadas; os Xavantes vão lá e expulsam os colonos; a FUNAI aparece e, com a polícia, põem os colonos prá dentro, visto que suas posses tinham sido "compradas" por grandes fazendeiros. O Secretário da Justiça se pronuncia: "A FUNAI não devolverá um centímetro de terra aos Xavantes". Os colonos se pronunciam: "iremos envenenar os rios para matar os índios". A FUNAI pronuncia esta pérola: "se os colonos realmente fizerem isso serão multados".

Esses fatos num país sério acarretaria reações imprevisíveis; mas aqui na terra de Malboro está tudo na rotina. Está tudo jóia. A FUNAI não está com muita pressa de demarcar as terras dos índios e o que acontece é que na Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e na Amazônia ele vão sendo expulsos por projetos desenvolvimentistas, construções de hidrelétricas, multinacionais agrícolas, bóias-frias famintos, garimpeiros, etc.

A FUNAI chega ao absurdo de considerar tribos vivas como extintas só para não atender as suas reivindicações. Se fosse para enumerar as sacanagens esse jornal inteiro não dava: cem mil índios escravizados por seringalistas do Sudoeste da Amazônia; Tupiniquins considerados extintos quando várias aldeias ainda subsistem no Espírito Santo, Nhambiquaras e Botocudos morrendo literalmente de fome

pela construção de uma estrada em suas terras, etc. etc. Enquanto isso, pela TV, assistimos à novela Aritana.

A nossa cumplicidade e a nossa ignorância sobre os índios são uma arma feroz que colaboram com esse massacre. Pensar que nossas instituições estão moralmente sadias para resolver o problema, é não querer ver a realidade. No alto do rio Negro por exemplo, segundo denuncia o Folhetim de 24 de maio passado, as Missões Salesianas massacram a cultura indígena enchendo a cabeça dos índios de religião e português, desligando-os da vida tribal e entregando-os como mão de obra barata aos capitalistas da região. Estes índios ou fogem para a Venezuela ou emigram para Manaus como prostitutas, marginais e subempregados. Sob as vistas das Missões moças índias são violentadas por dezenas de soldados do Batalhão de Engenharia do Exército.

Agora, vai me convencer de que os oficiais não sabem disso? Ou que simplesmente não participam da putaria? Quer me convencer que eles ficam se masturbando no quartel? Ou eles são culpados ou cúmplices.

E as freiras missionárias? Não sabem que as suas "alunas" prostituem-se para fugir ao trabalho escravo nas Missões? Aliás, são elas mesmas que arranjam empregos para as indiazinhas nas casas dos oficiais da FAB. É que as freiras não sabem como é duro ter que dar por dinheiro, senão parariam de cafetinar as índias.

Outra instituição cúmplice é o Parlamento (aliás, não sei por que sempre que penso em Parlamento me lembre daquela música do Adoniran Barbosa - "Abrigo de

Vagabundos"). Exemplo disto é a sacanagem do PMDB que queria, talvez consigam, filiar o Juruá. Já pensou um índio discutindo no Parlamento com Mário Américo, Ulisses Guimarães, Erasmo Dias, Maluf e outros sobre a sublegenda?

Tá certo, você pode alegar que isso é coisa de um ou dois sacanas e que não se pode condenar um partido inteiro por isso. Mas é aí que entra a tal cumplicidade, ou será que ninguém vê a aberração?

A verdade é que se esperamos a Igreja, o Exército, a FUNAI, os Partidos preocupados com as eleições de 82 resolverem o problema, corremos o risco de, num futuro próximo, termos cinco índios no Brasil: um parlamentar, um garoto propaganda e três prostitutas.

Afinal, índio não vota, não serve Exército e nem compra presente de Natal. Se pensarmos que nós estamos aqui em São Paulo e eles no Acre e por isso não dá prá fazer nada, também está errado! Basta dar um pulinho até Peruíbe, no litoral paulista, para ver índios bêbados rolando pelas ruas, vendendo artesanato ou trabalhando a tiro de merda para os plantadores de banana.

Em Ubatuba, também no litoral paulista, você vai ver índio trocando cachaça UBATUBANA, por artesanato e flechas, com turistas americanos ou paulistas.

Temos que começar já um movimento forte de propaganda e debate a respeito deste problema; temos que somar forças com movimentos já organizados e autênticos para virar esta mesa. O que não podemos é ficar parados vendo todo esse sangue correr...

Caetano: Amizade é outra coisa

A POESIA DOS ENCONTROS

Caetano Veloso, libertário velho de guerra, agora em missão de paz distribuiu aos críticos junto ao novo disco "Outras Palavras" o seguinte texto, que o "Inimigo do Rei" passa para a frente. Entende-se o mutismo das seções especializadas em música na grande imprensa, atribuído ao grande número de concorrentes analfabetos musicais do compositor baiano. A beleza constrange a essa gente, mas, como se pode ver não atinge alguém que sabe bem dar valor à amizade, diferente do igrejismo de certos esquemas mais chegados a um apocalipse de conveniências.

Detesto um papo que ouvi de gente importante dizendo que a minha amizade com Augusto de Campos é um estratagemma de poder cultural onde eu entro para divulgar a inviável vanguarda dos pau-

listas e Augusto para legitimar intelectualmente minha produção comercial e irresponsável. É o argumento da inveja e da paranóia de quem faz indústria de diversão para massas mas finge que escreve o poema definitivo porque no fundo deseja ser o imperador despótico. "Outras Palavras" também é fruto de antigas leituras das traduções paulistas de Finnegans Wake de Joyce e do Jaguadarte de Carrol-de Campos, mas também de recente conversa que tive com Haroldo de Campo em casa de Augusto de Campos em Saampa.

Augusto entendeu o que transo e entendeu bem cedo. O resto é conversa fiada. Toda a poesia que ele faz é coisa linda para mim. E somos amigos. Não importa se os paranóicos não acreditam na amizade, para eles há sempre algo por trás. Para mim, por trás só tem a bunda.

Admiro o Glauber desde a

minha adolescência e adorei o novo filme dele, mas não sou amigo dele. Sou amigo de Péricles, de Antônio Cícero, de Regina Casé, de Augusto de Campos, de Tuzé, de uma porrada de gente anônima e famosa. Amizade é outra coisa, diferente de arregimentação de turma pra uma conquista ou uma baderna. Gil e eu estamos chegando ao amor.

No ano que vem eu prometo fazer um disco melhor. Nada tenho a dizer sobre o mais. Creio.

José Agrippino de Paula me ensina muito. Seus livros devem ser lidos e suas peças com Maria Esther Stockler lembradas. Maria Esther é divinal dançarina. Mas nesse papo de grandes filmes desbundados o "Hitler no Terceiro Mundo" de Zé Agrippino dá um banho total em todos, até mesmo no "Metorango Kid" de André Luís. Aguardem o disco de João

Gilberto com Gilberto, eu e Maribete.

Quanto à questão das tietes está todo mundo por fora: Gilberto Gil e eu tietamos algumas meninas e alguns meninos que nos dão alegria e esperança no Brasil e na raça hum. na. Algumas vezes somos tietados de volta. O que há é que e.ista uma pá de pessoas que se identificam com os sonhos de vida que a música popular nos levou a alimentar, muitas vezes para surpresa nossa. Que aventura! Nem só eu e Giló, todos, Milton, Simone, Paulinho da Viola, qualquer um. Apenas eu e Gil tematizamos a trip. Como é do nosso feitio: o velho exibicionismo baiano é muito saudável sim senhor. Tuzé Abreu me disse na Bahia: não sei se é ciúme, mas eu estou achando que seu disco tem namoradas demais. Que bom. Ainda bem. Assim fica um disco cheinho de estorinhas de amor. Mas foi o acaso.